

A Colônia Pindorama: uma modificação na paisagem agrária dos tabuleiros alagoanos

ROBERTO LOBATO A. CORRÊA
Geógrafo do C.N.G.

A colonização visando, em última análise, à valorização regional, fundamenta-se na organização planejada do espaço em bases agrárias.

A Colônia Pindorama localizada parte no município de Cururipe e parte no de Penedo, é um exemplo de como em terras tradicionalmente consideradas impróprias para a agricultura, pode valorizar uma região empregando-se não somente sistemas agrícolas adequados, mas também uma forma conveniente de organização do espaço. Forma de organização que inclui, evidentemente, o elemento fundamental da produção, o homem. O seu elevado padrão de vida comparativamente com o da população regional é devido a esta forma de organização.

Na verdade, a análise da colonização e de seus efeitos nesta área de tabuleiros terciários deve ser feita do ponto de vista geográfico, procurando-se ver as modificações introduzidas pela colonização no tipo do povoamento, no uso da terra, nos regimes fundiário e de exploração, nos aspectos demográficos, enfim, nas relações entre o fato colonial e o fato regional.

Colonização e forma de povoamento

No sudeste alagoano, como em toda a faixa sedimentar terciária de Alagoas, percebe-se, nas amplas superfícies que formam esta faixa, o vazio demográfico. A população concentra-se toda ela nos vales que dissecam estes tabuleiros devido à maior fertilidade dos solos e à facilidade de obtenção de água nos mesmos.

Ao longo da rodovia, que de Penedo procura a Colônia Pindorama, este fato é sensível. A rodovia segue a superfície dos tabuleiros, não se percebendo a presença do homem, nem de suas atividades, mas apenas estreitos caminhos que procuram os vales, indicando a importância destes para as atividades humanas.

O vazio demográfico é quase total, e a esta paisagem formada pela vegetação de tabuleiro (arbustos e árvores de porte baixo), já se terá acostumado o geógrafo, quando a cerca de vinte quilômetros de Penedo, surge uma outra, bastante diversa, onde o homem e o tabuleiro passam a fazer parte juntos de uma nova paisagem agrária.

Esta paisagem é o resultado de um empreendimento particular, feito pela Companhia Progresso Rural, que num plano considerado audacioso organizou uma colônia e cooperativa, tendo como idéia central o aproveitamento econômico dos tabuleiros, e em torno desta idéia organizou o espaço.

A primeira diferenciação na paisagem agrária diz respeito ao fato de que a Colônia primordialmente ocupa o tabuleiro, ocupação esta que se refere às lavouras, como as instalações administrativas, e às casas de colonos. Ao contrário da região circundante, é no tabuleiro que se sente a presença da ação do homem, dando à paisagem a sua marca construtiva, em substituição à vegetação de tabuleiro que antes ocupava o espaço. (Fig. 1)

Outra diferenciação na paisagem agrária diz respeito ao tipo de povoamento ("*habitat* rural") que, ao contrário das áreas vizinhas apresenta-se, geralmente, com alguns "núcleos" constituindo pequenos aglomerados que se alinham ao longo das estradas secundárias. Duas razões justificam a concentração do *habitat*: a primeira refere-se à intenção de valorizar-se agricolamente as terras do tabuleiro, e a segunda responde às necessidades do grupo humano, necessi-

dades de serviços, escolas, convivência social e à obtenção de água, pois, devido à permeabilidade da rocha, esta é obtida às vèzes a sessenta metros de profundidade. (Fig. 2)

Contudo, devido a dificuldades em obter financiamento atualmente, nem todos os "núcleos" da Colônia apresentam-se concentrados. Mesmo no tabuleiro encontra-se *habitat* disperso, e à semelhança do que ocorre em tôda a periferia, um dos "núcleos", Palmeira Alta, forma um *habitat* concentrado entre a rodovia e o rio Piauí. Na verdade formava um povoado espontâneo antes de fazer parte da Colônia Pindorama.

Outra característica do tipo de povoamento é que, os colonos que vivem em *habitat* aglomerado dispõem de dois lotes, um de residência e outro agrícola, êste nunca distante mais de dois quilômetros daquele.

Fora do tabuleiro surge, num pequeno vale aglomerado onde se concentram os principais serviços, a administração, as instalações industriais e um esbôço de função urbana.

Outra modificação, levada a efeito tendo em vista a idéia de utilizar-se o tabuleiro, diz respeito ao uso da terra, o qual marca a paisagem, diferenciando-a daquela que circunda a Colônia.

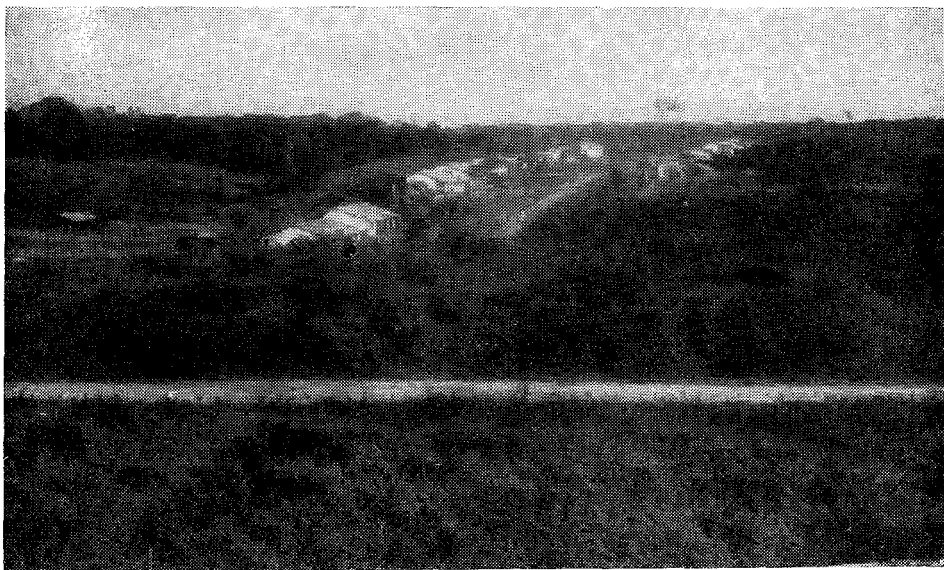


Fig. 2 — Trecho parcial da Colônia Pindorama onde aparece um dos núcleos aglomerados, o de Botafogo, o qual, situado sôbre o tabuleiro, desce suavemente para um pequeno vale. Pode-se observar ao fundo o nível dos tabuleiros e a vegetação da mata em parte já devastada, deixando ver a vegetação secundária.

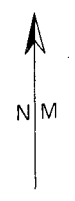
Foto: NILO BERNARDES

Colonização e uso da terra

A colonização foi o fator fundamental para que o uso da terra, nesta região de tabuleiros, fôsse diferenciado.

Numa região onde o uso da terra estava ligado à fertilidade natural dos vales ou das encostas, onde os sistemas agrícolas compreendem um conjunto de técnicas empíricas (com exceção das várzeas rizícolas ou da açucareira do Cururipe), verifica-se a presença de sistemas adiantados praticados sôbre o tabuleiro. Na verdade, os esforços se dirigem ao tabuleiro e, por isto mesmo, concentram-se aí 70% dos lotes. Na verdade, também, a dualidade de formas topo-

COLÔNIA PINDORAMA
MUNICÍPIO DE CORURIBE ESTADO DE ALAGOAS
PLANTA PARCIAL



- CAIXA DE ÁGUA 1
- POÇO TUBULAR E BOMBA.... 2
- ESCOLA 3
- RESIDÊNCIA DE PROFESSORA... 4
- RESIDÊNCIAS ANCAR..... 5
- ESCRITÓRIO E SALA DE REUNIÃO 6
- RESERVAS PARA INSTALAÇÕES... 7
- RESERVA FLORESTAL..... 8

0 500m



Fig. 1

gráficas, tabuleiro e encosta-várzea, leva a que em cada uma das formas haja uma adequação às suas condições naturais.

Culturas de subsistência, arroz em pequena escala e uma pecuária extensiva e com rebanho pouco numeroso, são os elementos da exploração destas áreas de encosta-várzea, onde a relativa fertilidade permite que sistemas menos evoluídos sejam empregados. A tradição agrícola mão-de-obra regional é suficientemente forte para que os velhos sistemas sejam mantidos, apesar dos esforços da administração. Culturas de subsistência nas encostas acompanhando a linha de maior declive são observadas, deixando-se ver desde já os efeitos da erosão.

No tabuleiro, domínio das culturas comerciais, os sistemas agrícolas são adaptados aos solos arenosos, pobres em matéria orgânica, lixiviados e sujeitos a fortes lavagens no período chuvoso (1 400 mm em média, dos quais a maior parte no período outono-inverno). O uso intensivo de adubos, químicos ou orgânicos (compostos de turfa, esta existente no vale do Piauí), culturas de cobertura, visando a diminuir os efeitos da erosão, e, ao mesmo tempo comerciais, permitem que elevados rendimentos econômicos sejam obtidos.

O uso da terra está ligado à múltiplas atividades agrícolas, industriais e comerciais, concentrando a Colônia e Cooperativa tôdas elas.

As culturas de maracujá e do côco-da-praia são as principais, adaptando-se bem às condições edáficas, pois, além de ambas protegerem os solos, a segunda retira com suas profundas raízes os minerais que a lixiviação torna mais raros na superfície. (Fig. 3)



Fig. 3 — Colônia Pindorama — Cultura do maracujá alinhada sôbre o tabuleiro arenoso. Esta cultura, base econômica da Colônia Pindorama, é feita dentro de técnicas avançadas, obtendo-se rendimentos elevados.

Foto: Cia. Progresso Rural

A cultura do maracujá vem se desenvolvendo rapidamente, em parte pelos estímulos dados pela Cooperativa, estímulo que compreende a ajuda técnica, a compra da produção *in natura*, em parte pela agência do Banco do Brasil localizada em Penedo, a qual sabe da aceitação crescente por parte dos mercados para onde o maracujá, depois de transformado em suco, é enviado. Assim, esta cultura, iniciada em 1959, contava com 50 hectares; em 1962 ascendia para 620 hectares,

e a produção de suco atingiu em 1961 480 000 garrafas, esperando-se dobrá-la em seguida. O grande mercado da Colônia é o Rio de Janeiro, que, apesar da distância, é capaz de consumir 80% da produção total.

A cultura do côco, cujo plantio é também recente, ainda não atingiu a fase produtiva, havendo cêrca de 70 000 pés plantados. A dificuldade em expandir esta cultura está ligada ao fato de o financiamento do Banco do Brasil ser de 3 anos, e esta cultura levar de 5 a 7 anos para entrar em produção. No entanto, culturas anuais de subsistência ocupam os intervalos das linhas de coqueiros, enquanto êstes não produzem, da mesma maneira que na cultura do maracujá.

A ajuda técnica e financeira recebida pelos colonos, permitiram que sistemas agrícolas adiantados fôssem introduzidos numa vasta região onde eram desconhecidos. O caboclo que usava a rotação de terras nas encostas do tabuleiro, agora num ambiente estranho a êle, pois eram antes os tabuleiros desprezados, passou a utilizar sistemas mais racionais de uso da terra. Para a cultura do maracujá, desbravam 4 hectares iniciais, os quais produzirão aquela fruta até o 6.º ano, quando progressivamente outra parcela será então utilizada, não porque o solo esteja emprobrecido, mas porque a planta chegou ao término produtivo em têrmos econômicos.

Sendo a Companhia Progresso Rural uma eprêsa comercial, procura firmar econômicamente a sua Colônia (fundada em 1956), e pouco a pouco o consegue. Dentro do plano de colonização há vastos programas, incluindo o abastecimento de Penedo em produtos hortigranjeiros. Pretende-se, também, depois da drenagem e saneamento do alto vale do Marituba (baixo Piauí) estender o cultivo de arroz em grande escala. (Fig. 4) Há planos, ainda, para a instalação, nos tabuleiros, de outras culturas que também serão industrializadas, como a da manga e a da rosela (fabríco de gelêia), as quais se acham em fase de experimentação. Cogita-se também do reflorestamento com madeiras comerciais (cedro,

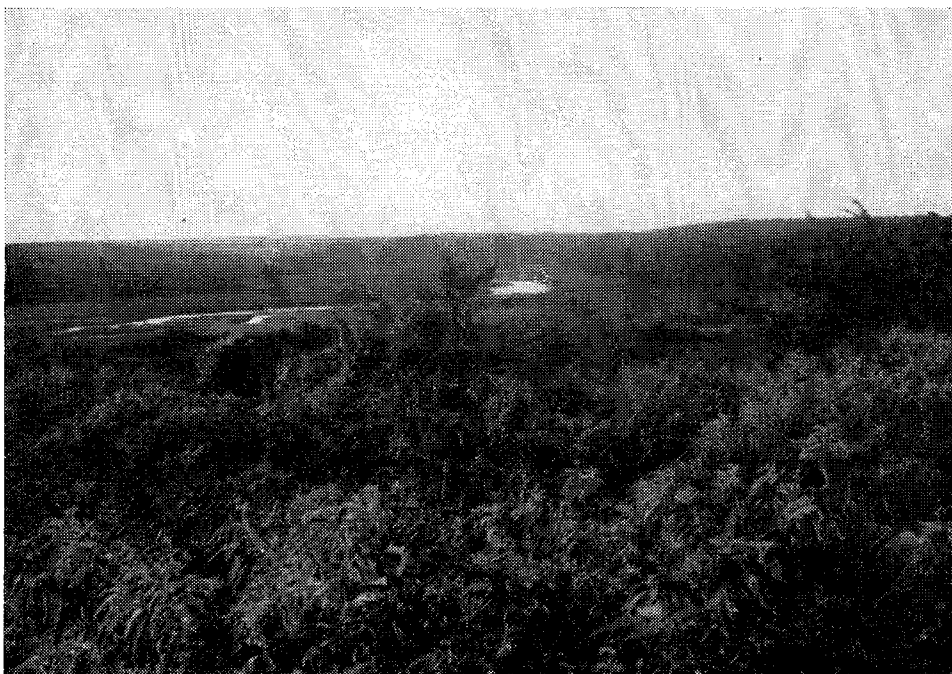


Fig. 4 — Colônia Pindorama — Vista do rio Marituba, cujo leito se acha parcialmente embrejado. A Companhia Progresso Rural pretende sanear êste trecho do rio e instalar aí cêrca de 1 000 famílias que se dedicarão ao plantio de arroz. Percebe-se ainda a vegetação dos tabuleiros e, ao longe, o nível dos mesmos.

Foto: NILO BERNARDES

pinho e casuarina) nas áreas já devastadas, pois, apesar do esforço na introdução de técnicas racionais, há colonos ainda que devastam além do que é necessário para a primeira parcela.

Este uso da terra se apresenta pioneiro e audacioso; é o resultado de uma organização planejada do espaço antes improdutivo.

Colonização e regimes fundiário e de exploração

A colonização foi o fator fundamental para a modificação destes elementos da estrutura agrária dessa região de tabuleiros. Numa área onde os grandes estabelecimentos rurais ocupam sobretudo as várzeas, como por exemplo a usina Camaçari, no vale do Cururipe, ou como os estabelecimentos rizícolas do baixo São Francisco, ou ainda como os latifúndios pecuaristas próximos, observa-se a presença de pequenos estabelecimentos nos tabuleiros, explorados por pequenos proprietários.

O regime fundiário com a colonização modificou-se sensivelmente, surgindo na área colonizada estabelecimentos de 15-30 hectares, um total de 387 lotes em 1962. Não possuímos dados do censo de 1960, mas sem dúvida, para o município de Cururipe sobretudo, eles serão sensivelmente alterados com a inclusão destes estabelecimentos junto às grandes propriedades dominantes até o censo anterior.

Na análise do regime fundiário, além da modificação numérica trazida, importa ver como é possível o aproveitamento das propriedades em termos econômicos. Possuindo em média 22 hectares, as propriedades são capazes de proporcionar elevado padrão de vida, o qual não é efêmero, pois os sistemas agrícolas mantêm o ritmo de produção numa escala sempre econômica.

Estes fatos permitem criar, numa área de grandes amplitudes sociais, uma classe média rural, a qual é única na região.

Outra modificação sensível introduzida pela colonização diz respeito ao regime de exploração. Numa área onde dominam, de um lado, os assalariados da usina Camaçari, de outro, os meeiros da zona rizícola próxima, e mais os assalariados da zona do côco litorânea e os numerosos rendeiros das zonas de criação (povoados de Alagoinha e Quaresma), a presença de pequenos proprietários rurais, com um nível de vida elevado, constitui uma experiência nova que contrasta de muito com o regime de trabalho tradicional.

Colonização e demografia

A colonização trouxe modificações nos aspectos demográficos, modificações de ordem quantitativa, qualitativa e de nova distribuição espacial.

No primeiro ponto de vista, sabe-se que, numa região até há bem pouco vazia demograficamente, adensa-se uma população de cerca de 5 500 pessoas, em sua maioria localizadas no tabuleiro. A população considerada rural no município de Cururipe passou de 12 449 em 1950 para 16 408 em 1960. Na verdade, este aumento é devido ao crescimento vegetativo no restante do município, devendo-se o acréscimo ao núcleo populacional de Pindorama. Por outro lado a distribuição espacial dessa população foi modificada, pois, se ela se concentrava nos vales, agora em boa parte se acha nos tabuleiros.

Habitando casas de tijolos e caiadas, dispondo dos serviços indispensáveis (escola, hospital) e usando adequadamente a terra, esta população apresenta-se sadia, dentro de padrões de vida decentes. As dificuldades na obtenção de financiamentos (questões jurídicas) impedem hoje que todos os colonos possam dispor de uma residência de tijolos e caiada, havendo mesmo, para os recém-chegados, necessidade de habitar em casas provisórias de sapapo e sapê.

A colonização e o quadro regional

A colonização como forma de organização planejada do espaço, visando à valorização regional, mantém íntimas relações com a região onde o fato colonial foi implantado.

Na verdade estas relações dizem respeito aos seguintes fatos:

1. Oferta complementar de trabalho, devido à diversidade existente entre o calendário agrícola da colônia e o da usina Camaçari. Sendo no período chuvoso que os trabalhos agrícolas na Colônia são mais importantes (sobretudo para as culturas de curto ciclo) há necessidade de mão-de-obra extra para ajudar ao pequeno proprietário, mão-de-obra que é fornecida pelos assalariados da usina, pois lá a época de maiores trabalhos é o verão, período seco, quando se verifica a safra.

2. Atração constante de lavradores, assalariados da usina, meeiros do baixo São Francisco, rendeiros da região de criatório, os quais, tentando melhorar de vida, procuram a Colônia. Na verdade, a falta de verbas por parte da Colônia impede que ela possa receber esta população subempregada e miserável. Possuindo ainda cerca de 25 000 hectares utilizáveis e existindo uma longa "fila" para entrar para a Colônia, a administração desta nada pode fazer, a não ser arrendar por um ano alguns trechos de terra para alguns.

3. Criação, pouco a pouco, de um espírito de expectativa de mudança na estrutura agrária das regiões vizinhas. Isto faz com que, por parte dos grandes proprietários, haja sempre certo temor em relação à Colônia, empregando alguns diversos meios, para frustrar a obra de colonização.

4. Possibilidade de abastecimento de certos gêneros, em especial de produtos hortigranjeiros aos centros urbanos próximos, sobretudo Penedo.

5. Criação de uma nova mentalidade favorável à utilização racional das terras dos tabuleiros terciários através das experiências empreendidas pela Colônia Pindorama.

6. Valorização de terras consideradas antes impróprias. Como termo de comparação tem-se que na chã de Arapiraca, cujos solos provenientes do cristalino são utilizados com a rendosa fumicultura, o hectare valia em média, quando próximo à cidade, 70-80 mil cruzeiros, e na Colônia Pindorama, em terras de tabuleiro, o hectare com coqueiros prestes a produzir, valia, na mesma época, cerca de 100 mil cruzeiros.

Êstes nossos comentários sobre a presente experiência de colonização no estado de Alagoas visam despretensiosamente a focalizar o significado geográfico do empreendimento.

Esta colonização, que tem sabor de pioneirismo, mostra que velhos preconceitos em relação às possibilidades agrícolas dos solos provenientes do arenito Barreiras, são aí invalidados, quando êstes são submetidos a uma exploração racional. Êstes mesmos solos, dentro de uma organização planejada do espaço rural, podem suportar, sem dúvida, uma população com elevado padrão de vida.

Esperamos que êste fato se torne a repetir, e que, na vasta área de tabuleiros alagoanos, surjam novas colônias nestes moldes, fazendo com que a distribuição da população no espaço seja modificada, melhorando o padrão social e econômico da região.